

## Apresentação

[Presentation]

REVISTA  
com **política**

revista compolítica

2019, vol. 9(1)

[compolitica.org/revista](http://compolitica.org/revista)

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2019.9.1.305

 Open Access Journal

### **Emerson Urizzi Cervi**

Universidade Federal do Paraná  
[Federal University of Paraná]

### **Ricardo Fabrino Mendonça**

Universidade Federal de Minas Gerais  
[Federal University of Minas Gerais]

### **Viktor Chagas**

Universidade Federal Fluminense  
[Fluminense Federal University]

## Apresentação

Emerson Urizzi CERVI  
Ricardo Fabrino MENDONÇA  
Viktor CHAGAS

A primeira edição da Revista Compolítica no ano de 2019 apresenta um conjunto de artigos que dá continuidade às discussões científicas sobre a política e os processos comunicacionais digitais, como vinha acontecendo nas edições anteriores. Nem por isso desconsidera a importância de dar atenção aos estudos sobre características dos meios de comunicação tradicionais e seus efeitos sobre a comunicação política no século XXI. Essa característica híbrida da edição também está presente na sua seção de extras.

O artigo de Thales Vilela Lelo aborda o tema da relação de espectadores com as imagens midiáticas de corpos vitimados por catástrofes. O autor argumenta que a recorrente impassibilidade e apatia das audiências frente a tais imagens está ligada à desumanização dos sujeitos ali retratados, o que dificulta o estabelecimento de vínculos morais. Em um debate teórico-filosófico que atravessa um conjunto variado de autores (Boltanski, Mbembe, Cavarero, Butler, Honneth e Rancière), Lelo sustenta que a “fadiga de compaixão” diante do “sofrimento à distância” requer o reenquadramento da alteridade para desafiar a alocação assimétrica da condição de humanidade. No entanto, e opondo-se à chave moral que norteia as proposições mais recorrentes desse debate, Lelo salienta a necessidade de discutir mais centralmente a importância dos regimes de sensorialidade que alimentam a estruturação de um comum que precede o próprio debate ético sobre valores. Sem advogar que toda experiência com a alteridade gere reorientação de padrões de apreensão da realidade, ele defende o potencial político deslocador desse encontro sensório com uma experiência singular do Outro.

Lídia Maia explora comentários em torno de 78 *posts* nas páginas de Facebook dos três principais candidatos à Presidência da República nas eleições de 2014. Adotando as lentes da mediatização, a autora se propõe a discutir a dinâmica interacional a

emergir nesses espaços, abordando o modo como eleitores fazem sugestões e buscam assessorar seus candidatos, além de a forma como surgem tanto zonas de contato entre cidadãos e as equipes de campanha, quanto comunidades identitárias e afetivas nessas arenas. Empregando uma perspectiva qualitativa de inspiração metodológica, Maia conclui que o espaço dos comentários não se configura como um *locus* de argumentação em torno de programas de governo, mas fundamentalmente como uma arena para apoiar o próprio candidato e atacar seus oponentes.

O artigo de Paulo Henrique Almeida e de Célia Mota se debruça sobre três charges publicadas pelo Correio Braziliense por ocasião da promulgação da Constituição Federal de 1988. Os autores mobilizam a noção de acontecimento para investigar as tramas narrativas que participam de sua construção. Empregando a técnica de Análise Crítica de Narrativa, Almeida e Mota exploram a forma como o plano expressivo, o plano histórico e o plano metanarrativo de sobrepõem em representações pictóricas que dotam os eventos políticos de sentido, jogando com a sátira e a caricatura do cotidiano. Na leitura das charges, os autores conseguem identificar não apenas o papel do humor na política, mas também a forma como elas dialogam com um contexto social complexo e em transformação. Nota-se ali, o entusiasmo inicial com a Carta Magna e as crescentes tensões e expectativas sobre sua exequibilidade e sobre o futuro. Para além da interpretação específica do fenômeno histórico, o artigo traz importante contribuição ao focar na dimensão imagética da política, algo que tem se mostrado cada vez mais necessário no contexto hodierno.

Raul Ramalho e Kenia Maia, por sua vez, adotam a Análise Crítica de Discurso de Norman Fairclough para investigar os discursos do Mídia Ninja sobre o *habeas corpus* concedido (e recusado) ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2018. Partindo de uma coleta de 73 *posts* do dia 08 de julho e se aprofundando em seis postagens, o artigo revela um claro posicionamento político do coletivo midiativista, que se manifesta no estabelecimento bem demarcado de heróis e antagonistas. Ramalho e Maia assinalam que a Mídia Ninja encampa uma narrativa de golpe, que apresenta o ex-presidente como um preso político e acusa o judiciário, a mídia corporativa e muitos partidos políticos de persegui-lo.

A seção de artigos originais desta edição da Revista Compolítica é fechada pelo texto de Lívia Cirne sobre o processo de digitalização da televisão brasileira. O artigo reflete sobre a dimensão técnica dos sistemas existentes e, em particular, daquele que foi aqui implementado. Ademais, discute as tensões políticas a atravessar tal processo de implementação, frisando o escasso debate com a sociedade civil e a academia. Avalia-se, ainda, um conjunto de obstáculos que atrasaram a transição. Em um cenário em que muitas tecnologias paralelas a floraram (como a *Boxee*, o *Chromecast*, a *Apple TV* e a *Google TV*), Cirne argumenta que o sistema brasileiro de TV digital se tornou obsoleto e “nasceu morto”, sem conseguir prover inovações efetivas.

Na seção de extras, a edição traz uma entrevista de Juliana Gagliardi (Iesp/Uerj) e Marcia Rangel Candido (Iesp/Uerj) com o pesquisador em Comunicação Social do Conicet (*Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas*) argentino, Martín Becerra. Os principais temas tratados pelo pesquisador na entrevista são presenças constantes nos debates sobre comunicação na América Latina: concentração de meios e regulação do sistema pelo Estado. Ao contrário do modelo europeu, onde os meios de comunicação estatais (chamados de públicos) predominaram nas primeiras fases da comunicação de massa, na América Latina os Estados nacionais abriram mão do protagonismo em favor de meios de comunicação privados. Isso gerou uma particularidade, que foi a busca prioritária de atenção do mercado, pela necessidade de financiamento, em desfavor do controle de conteúdos educativos, para formação cidadã. Na América Latina o padrão é termos meios de comunicação educativos com baixa penetração na sociedade. As consequências disso são tratadas por Becerra. Além de discutir a mais recente consequência desse modelo latino-americano de meios de comunicação, que é uma resistência a qualquer proposta de regulação do mercado de comunicação no continente.

Ainda na seção de extras, a edição traz a resenha de Gabriella Hauber, Fernanda Nalon Sanglard e Pedro Henrique Bicalho Camelo do livro “*Deliberation Across Deeply Divided Societies*”, de Steiner e colegas. Na resenha, os autores chamam atenção para as contribuições recentes que a teoria da deliberação aporta para as explicações sobre comunicação, trocas de razões e racionalidade nos processos deliberativos. O livro

resenhado, escrito por Jürg Steiner, Maria Clara Jaramillo, Rousiley Maia e Simona Mameli trata da deliberação dentro do conjunto de práticas políticas modernas, ainda que sistemas políticos não possam ser baseados apenas em processos deliberativos.

Por fim, mas não menos importante, a título de manifesto solidário, a presente edição é fruto do esforço continuado e voluntário de dezesseis profissionais, entre editores, assistentes editoriais, revisores e diagramadores. São pesquisadores de sete diferentes instituições públicas de ensino superior, em diferentes graus de formação. Além desses, contamos com doze autores, e mais de duas dezenas de avaliadores envolvidos diretamente na produção deste número. Esse quantitativo atesta não apenas a diversidade da produção científica nacional, mas também dá o tom do rigor com que todo o trabalho é desenvolvido, desde a ponta dos autores e das avaliações cegas emitidas por pares até a etapa final de publicação. Nesse sentido, a Revista Compolítica se posiciona contrária aos recentes episódios de cortes no setor de pesquisa e inovação e de desprestígio das instituições universitárias.

Atenciosamente.

Os Editores.

